

Oralidade – e o povo sobrevive na sua fala reinventada

Oral Movement, and the people survive in their reinvented speech

Nilton José dos Reis Rocha

Professor de Comunicação da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia/UFG

Kelly Cristina Rodrigues Silva

Aluna do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia/UFG

Resumo

O foco principal deste artigo é a oralidade como ferramenta e esfera de comunicação das camadas populares e preservação de sua cultura. Um caminho alternativo e precioso quando os sujeitos não têm acesso às formas de discursos legitimadores, incluindo a escrita. O presente texto tece a importância do tripé voz, memória e tradição, como bases de continuidade e futuro. Têm na vasta literatura sobre o texto oral, da tradição bíblica a Saramago, dos poemas chineses do Che-King a Suassuna, de Guimarães Rosa aos repentistas, misto de poetas e jornalistas do cotidiano popular, suas fontes contemporâneas de inspiração. Voz e gesto, ritos e mitos, corpo e imaginário, tudo isto, compondo uma narrativa que não se esgota. E, sábia, penetra, agora, os poros das infovias e, de novo, encontra seus veios de atualidade e superação constantes.

Palavras-chave: Oralidade, voz, memória, tradição, atualidade.

1 . Introdução

Das *Fabulosae popularium narrationes*, antiga e vigorosa maneira de os excluídos falarem (ZUMTHOR, 1983, p.283 e 1984, p.45), os estímulos necessários à construção deste texto. A voz, portanto, continua sendo um dos caminhos eficazes na elaboração dos discursos, nos quais a garganta passa a ter um significado marcante para as maiorias que em toda sociedade, fora de uma modalidade de discurso legitimador, exercem ainda um poder sobre o seu mundo, pois, assim, vão recriá-lo de forma permanente.

Contar história, relatar fatos, unir os fios que parecem dispersos para, assim, compor o elo que, se não unifica, tece a relação de uma coisa com outra. Revelar, reproduzir, reinventar o que se ouviu aqui e acolá. Construir, de forma lógica ou não, uma narrativa reveladora do cotidiano das pessoas simples. Ordinário, mágico, com mentiras e verdades. O que une e o que separa

os imaginários ou o que confere importância ao real ou às idéias do que anda pela cabeça dos viventes? Não se sabe com exatidão.

Como avisa a sabedoria popular, quem *conta um conto aumenta um ponto*. Ou dois. Não importa. Interessa que o narrador impõe, aí também, as pegadas da individualidade. “As marcas do narrador prendem-se ao conto como as marcas das mãos do ceramista prendem-se ao vaso de cerâmica”, lembra Benjamin (*Apud* MARCONDES FILHO, 1986, p.33). A criação é própria do ser. Neutralidade e imparcialidade, num mundo diverso e, às vezes, rachado de alto a baixo, acabam sendo áreas bastante relativas. Ou cínicas.

Este trabalho não ousará o impossível. Opta-se por um outro tipo de fidelidade, possível e realizável, costurando um ponto de vista entre outros tantos (possíveis) sobre o tema. Há um ponto de partida que norteará um espaço de coerências, talvez possíveis, na busca de

elementos que demonstrem, na fala de uma gente simples e comum, que essa lógica que continua viva e num estado de *peleja constante*, apesar da fúria civilizatória do capital e de seu projeto homogeneizador do planeta. Pelo menos, como vontade, diga-se.

Ou seja, contar histórias de gente e povos que, como diz Galeano, à lei imperiosa do individualismo e da ganância, oferecem uma vida compartilhada, a reciprocidade, a ajuda mútua. Ou, simplesmente, ouvi-las. Essa gente perigosa demais: “Matam-nos porque trabalhamos juntos, comemos juntos, vivemos juntos, sonhamos juntos” (GALEANO, 1988, p.10). De um lado, pela recusa em facilitar a reprodução dos desejos sobre as riquezas, materiais e simbólicas, da humanidade; de outro, determinação em não abdicar de seu modo coletivo e solidário de viver e sonhar.

Uma contradição tão simples e, ao mesmo tempo, tão profunda sobre a civilização: os que conseguem ver a natureza “como algo cujos elementos se harmonizam para reproduzir a própria natureza, inclusive o homem, e os que compreendem apenas o petróleo, a madeira, o ouro” (SCHIAVINI, 1987, p.2). Ao que o entediado Lévi-Strauss acrescentaria, com precisão: “Nós estamos tendo a oportunidade de viver com uma outra humanidade, com uma outra ética, outra moral, outra visão de mundo” (*Apud* VILLAS-BÔAS, 2005)

O mundo brota da narração, desta vontade de falar. O narrador pode, caso queira, derrubar as fronteiras do discurso citado “a fim de colori-lo com suas entoações, seu humor, a sua ironia, o seu ódio, com o seu encantamento ou com o seu desprezo”. Discurso e contexto narrativo se vinculam por relações dinâmicas, complexas e tensas.

Intrincidade tal que o erro corrente, de quem pesquisa as formas de transmissão do discurso, está nessa negligência ao universo onde ele se processa (BAKHTIN, 1990: 148-150).

Quem narra, em vez de se debater com o conceito abstrato, faz ver a história, como observa Frei Betto¹. O abstrato e o imaginário ganham feições do real; o real leva recheios simbólicos. Uma narratividade que esconde e revela, que escancara e impõe armadilha. A palavra, aí, deixa de ser senhora absoluta do desenrolar os fios condutores da história que se conta, da idéia que se elabora. Gestos, olhares, toques e silêncios não formam um conjunto de cortes na trama do discurso, são a própria fala. Como totalidade.

Narra-se construindo personagens e situações. Perdura-se uma velha tradição incorporada à linguagem bíblica, mas que, na realidade, parece mais antiga que ela. Vai ser identificada na cegueira de Homero que, de certa forma – concreta e ideológica – contaminou também os cantadores de feira, comuns no Brasil contemporâneo, mas que pode ser identificada numa tradição oral camponesa antes da escrita e recuperada nos poemas chineses de *Che-King*, no segundo século de *nossa era* (ZUMTHOR, *op. cit.* 61; 218-220).

Ou seja, homem e contexto – de onde ele arranca suas falas – tendem a compor uma unidade. E a narratividade da cultura a que pertence é que lhe faculta os meios de elaboração do discurso e, ao mesmo tempo, permite conviver com as demais culturas sem se desfazer. Algo assim num gesto contínuo e simultâneo de deformação, renascer e revigoreamento. A palavra também joga na arena dos conflitos. Aos *não-profanos*, a zombaria ou escárnio. Disponibilidade não exclusiva das

¹ Depoimento, ainda inédito, a um dos autores.

elites e sua gente letrada.

A oralidade vai garantir, através dos tempos, uma renovada capacidade de sobrevivência e maneiras de escapar às tentativas de bloqueios a toda comunicação que não seja a sua. Isto, claro, não exclui os desejos e esforços dos não-letrados em se apropriar da escrita, de seus mistérios tão profundos, impor-se sobre ela e sobre essa gente que a codifica ou guarda sob sete chaves (ECO, 2002). Por que, então, tanta gente navegando no analfabetismo e tanta gente que nunca foi à escola? (ILLICH, 1973).

Será que os mistérios das letras são tão profundos como os mistérios da mata? (CARNEIRO, 1981, p.80).

A palavra, como a linguagem, vai revelar o sentido exato do presente que marca bem o agir popular, no seu cotidiano. O sentido exato da rebeldia e da obediência que se precisa. Não se pode, claro, esquecer a experiência continuada com o desejo de opressão incorporado aos projetos elitistas e/ou burgueses, que o capital também veio representar. A palavra, como o viver, está prenha desta vontade de liberdade. Continuar vivo não é só uma forma de luta, mas, em muitos casos, a única possível. Narrar, portanto, é preciso.

Os quilombos foram um momento exemplar daquele aprendizado de rebeldia, de reinvenção da vida, de assunção da existência e da história por parte de escravos e escravos que, da *obediência necessária*, partiram em busca da invenção da liberdade (FREIRE, 1993, p.108).

Falar, para eles, foi a única chance de continuar vivos, de preservar-se na memória. Por isto, Merleau-Ponty já alertara sobre os perigos de uma *pensée désincarnée*. Maneira

de pensar a palavra antes de ser dita, o que acabou tornando-se um mito. O pensamento não se constitui, segundo ele, no mundo da palavra (Apud DERRIDA, 1969, p.348). Latour critica ainda a tendência que transforma o discurso em mediador independente da natureza com a sociedade. Ou seja, uma automatização autoritária da esfera do sentido.

Difícile en effet d'imaginer longtemps que nous sommes un texte qui s'écrit lui-même, un discours qui se parle tout seul, un jeu de signifiant sans signifié (LATOUR, 1993, p.84-86).

O que interessa é o que esse homem comum faz com as coisas que *lê*, como as *lê*. Ou, mais precisamente, e sobretudo, como as *escreve* nas suas narrativas e oralidades. O texto oral ressurgido? O moleiro de Ginzburg, de alguns séculos, revela, com precisão exuberante essa capacidade corrosiva ou criativa do sujeito social, na sua extraordinária capacidade de falar, de contaminar discursos legitimados ou legitimadores. Nada, ou quase, suportou a força subversiva da multiplicidade das falas sociais.

O importante não é o que Menocchio leu ou recebeu – é como leu, é o que fez de suas experiências, o que diminui a distância que se costuma propor entre leitura e escrita, entre uma postura passiva e outra ativa frente ao conhecimento. Menocchio leu, quem sabe, o Alcorão? Mas o importante não é tê-lo lido, é como leu – é decifrar essa estranha maneira de adulterar o que lê, de recriar (RIBEIRO, apud GINZBURG, 2004, p.236-237).

Rudé, ao inaugurar nos anos 1950 a entrada, pelas portas da frente, das camadas populares nas ciências sociais, como *sujeitos*, e não

multidão, apresentou, tardia, mas de forma oportuna, uma outra visão que ajuda a subverter a idéia, tão cortejada ainda hoje, de que o poder consegue contaminar irremediavelmente, com suas belas idéias, o todo social. *Amálgama*, preferiu. Aliás, para ele, nada mais imprecisa que a imagem de algumas coisas descendo do poder, *dos de cima*, para contagiar *le bas fond de la société*, a gente do povo.

Não há essa tal coisa de uma progressão automática de idéias simples para mais sofisticadas... Há, na verdade, uma considerável imbricação entre elas (KRANTZ, 1990:15).

Antes da narração bíblica garantir que no princípio era o verbo, os Guarani consideram, com certa radicalidade, que *você é sua palavra*. Não é, por acaso, que a teologia da libertação centrou nela seus rituais de celebração litúrgica. Ela, a palavra, carregada de tensões, armadilhas e levezas sociais. Muito mais que as suspeitas contradições cravadas em alguns pensadores, essa palavra vem revigorando, nos tempos, as possibilidades contemporâneas da oralidade popular. Por isto, com certeza, Levinas considere o discurso oral a plenitude do discurso (DERRIDA, *op.cit*, 346).

2 . As faces contemporâneas da oralidade.
Ou : a fala do povo sobrevive

“A vida não me chegava nem pelos jornais nem pelos livros. Vinha da boca do povo na língua errada do povo.
Língua certa do povo.
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil”.

Manuel Bandeira

A oralidade, essa forma de comunicação mais simples e direta

que o sujeito social possui, garante aos excluídos, às classes populares, uma forma de expressão. Essa língua certa do povo a que Bandeira se refere é a principal ferramenta comunicacional que serve às grandes maiorias. A expressão por meio da voz, do gesto, do olhar está ao alcance dos homens, das mulheres e crianças como formas mais universais de matutar, imaginar e delinear o mundo.

Escondem-se no imaginário popular as coisas que não podem ser ditas, que são proibidas! A oralidade tem o poder de se esquivar das censuras, de esconder, registrar na memória, para revelar, no momento oportuno, o momento do dizer, do gesto; revelar o que se esperava ser a hora certa de vir à tona.

A capacidade de dialogar com o mundo, de traçar uma relação transformadora com ele, faz com que o homem utilize o que tem ao seu alcance para adaptar a realidade a si, ou para se transformar para adaptar-se a ela. Freire considera que não existe “analfabetismo oral”, que todos são capazes de construir essa relação crítica, mesmo os iletrados são capazes de ler o mundo e reescrevê-lo da sua forma.

Toda a relação que o homem tem com a realidade que vive, e nela, traz conseqüências, ele é um interferidor, não é um ser passivo (...). É esse poder de se integrar, de refletir, de criticar de se adaptar e de adaptar o meio às suas necessidades que lança o homem num domínio que lhe é exclusivo: o da história que é construída pela cultura... (FREIRE, 1998, p. 99).

Ginzburg também se refere a essa capacidade de comunicação intrínseca ao homem, quando fala do surgimento dos mitos paralelos que servem como uma forma de

escape, para poder dizer “a verdade mesmo que escondida atrás da casca, (...) a inflamada vontade de comunicação dos homens, não sabe tolerar barreiras e nem censuras” (GINZBURG, 2001: 72).

Por muito tempo, a oralidade ficou renegada às práticas populares, não servindo como objeto de estudo, nem como forma de registro e veículo de idéias. “As comunicações vocais figuram como meios pobres... algo desprezível, seu uso se marginaliza” (ZUMTHOR, 1993, p. 29). Um preconceito muito forte, apoiado em um cientificismo inexplicável, impede que ela seja estudada liberta dessa visão taxativa que a converteu em algo insignificante. Mas a sua força se manifesta na atualidade, nas muitas pessoas que não têm acesso à escrita ou que simplesmente a ignoram, por não ver nela a sua forma de expressão. Por essa eficácia, a oralidade garante a eternidade ao corpo popular.

O verbo se expande no mundo. (...) arquivo sonoro das massas, que em sua imensa maioria ignoram a escrita e são ainda mentalmente inaptas a participar de outros modos de comunicação que não o verbal. (...) A palavra tem seus portadores privilegiados: velhos, pregadores, chefes, santos e, de maneira pouco diferente, os poetas; ela tem seus lugares privilegiados: a corte, o quarto das damas, a praça da cidade, a borda dos poços, a encruzilhada da igreja (ZUMTHOR, 1993: 75).

A língua do povo não é algo separado, deslocado na zona das culturas populares, ela permeia a vida cotidiana de todos os segmentos sociais. A linguagem da rua é a mesma utilizada pelo padeiro, pela dona de casa, pela prostituta e a mesma que o médico, o professor, o

engenheiro fala e escuta na sua casa. É essa língua do povo que grandes escritores, como José Saramago, Ariano Suassuna, Euclides da Cunha e Guimarães Rosa, utilizam para aproximar o leitor da vivência dos personagens. “O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre e mais, no meio da alegria e inda mais alegre no meio da tristeza” (GUIMARÃES ROSA, 1986, p.278).

Por todas essas razões, a oralidade continuou sendo a forma preferida de expressão das camadas populares, não ficou perdida ao longo da história. Ela nunca morreu, sobrevive na memória, regressa na tradição que é revivificada a todos os momentos, tem na voz o seu principal instrumento. Zumthor traz essa compreensão de que são justamente esses três elementos – a tradição, a voz e a memória – que fazem da oralidade a forma mais eficaz de comunicação:

No seio da tradição, é dotada a voz, inspirada pela memória, a qual sozinha lhe confere sua perceptibilidade. O discurso que ela pronuncia, ligado mais do que outros às formas experimentadas, mais sujeito às pegadas do incontrolável passado, é também mais eficaz do que qualquer outro; o que diz essa boca parece mais opaco, requer atenção de maneira mais insistente, penetra mais fundo na lembrança e aí fermenta, confirma ou revolve os sentimentos vividos, alarga misteriosamente a experiência que eu, ouvinte, creio ter de mim mesmo, de ti, desta vida. (ZUMTHOR, 1993, p.50).

3. O tripé da eternidade, na narrativa

3.1 A voz que fala, fala como virtude

“O traço fundamental de uma cultura é desenhado pela voz.

Ela se inscreve na diversidade agradável dos ruídos, por ela dominados na garganta e no ouvido humano.

O amor à palavra é uma virtude, seu uso, uma alegria.”

Paul Zumthor

O uso da voz ultrapassa a mera funcionalidade de se fazer ouvido, não é um ato mecanicista de emissor/receptor. Ela é acessível a todos, dentro da diversidade desses ruídos que Zumthor especifica. No meio popular, o amor à palavra, à alegria de seu uso, ultrapassa a rigidez, o enquadramento que a razão impõe; ela permeia a esfera do sentimento comum a todos os sujeitos e é por meio dessa sensibilidade que ela desliza e corrompe os caminhos sobrevivendo atravessando os tempos.

A palavra confere poder ao seu intérprete. As pessoas que não têm acesso à escrita, ou que não a têm como prática, vêem na oralidade o seu arquivo. É a voz que constrói e revivifica a sua memória. A fixação e a difusão da escrita, a fragmentação das coisas, a separação das artes e das ciências, a divisão das tarefas, tudo vai contra a plenitude e onipresença da palavra oral. O intérprete perde, em partes, o seu prestígio com a disseminação da escrita e a invenção da imprensa. A partir daí “a tradição oral é marginalizada na zona das culturas populares” (ZUMTHOR, 1993, p. 29).

Mas a voz é a caneta que escreve e constrói toda a literatura popular. Ela teve e ainda tem a sua importância fundamental na transmissão e mesmo na produção dessa vasta obra oral. Como a tarefa da escrita é árdua e exige muito mais esforço, a voz acaba por ser o meio escolhido pelas camadas populares. Nesse contexto, além de ser instrumento de expressão, ela serve também como forma

de aprendizado. Jadir de Moraes fala dessa relação dos mais velhos com os mais jovens que transmitem os seus saberes:

A primeira e talvez a mais fecunda e abrangente é a transmissão oral dos saberes e costumes, através dos ensinamentos diretos dos pais, mas que ganhou uma forma concreta na figura dos velhos contadores de causo. Na cultura popular predomina o ensinamento direto de pai/mãe para filho/filha. A transmissão oral tem recursos interessantes de memorização (PESSOA, 2005, p. 50).

É assim, ouvindo os causos do pai, dos avós, observando o cotidiano à sua volta que os mais jovens apreendem os traços da sua cultura e asseguram a sua continuidade. É isso que explica a sobrevivência de tradições centenárias próprias da cultura popular, como o maracatu, o coco, a catira, a congada e tantas outras que resistiram por tanto tempo sem o registro da escrita, tendo na voz o seu principal arquivo e sua forma mais eficaz de circulação.

Para Zumthor, ao mesmo tempo instrumento de expressão e construtora de memória, a fala é verdadeiramente portadora de uma linguagem. “É no discurso dos intérpretes, na praça, na rua, o que se revela àqueles que escutam é a unidade do mundo. É no dizer que a linguagem se torna verdadeiramente signo das coisas e, ao mesmo tempo, significante dela mesma” (ZUMTHOR, 1993, p. 73).

Esses intérpretes se espalham pelo mundo levando com eles a cultura da palavra, e em cada região assumem as características do local. É pela boca, pela garganta de todos esses homens que são pronunciadas “as palavras necessárias à manutenção do laço, sustentando e nutrindo o imaginário, divulgando e confir-

mado os mitos, revestida de uma autoridade particular” (ZUMTHOR, 1993, p. 67).

3.2 A memória como continuidade

“O antepassado lutou, hoje tá aqui o fruto.
Eliminando a dor, brilhou pro mundo nordestino, sanfoneiro repentista, matuto, vem do sertão a voz do cantador.
Visão de mundo que constrói riqueza, (...) Versando o cotidiano, é o compromisso, a voz dos excluídos catalogando a história.
Zafricano embolador de improviso, dom de pai pra filho, raiz de glória quilombola...
Raiz de glória, canto risos, porque é preciso entrar na memória...
Ressaltar a voz do coração, contra atacar, ser mais forte.”
(Z'ÀFRICA BRASIL. *Bom Convívio*)

A cultura popular, portanto, é dotada da memória viva da voz, do gesto, do olhar, que povoam a todo o momento o imaginário, a cada vez com mais força para fazer ressoar a língua “à revelia do sujeito que a teria como que aprendido de cor” (ZUMTHOR, 1993, p. 21). Essa memória que assegura a consciência do poder que tem a voz aos cantores de rap, aos repentistas e cancioneiros, ou mesmo às pessoas comuns, abandona o eterno recuo a que foi condenada, teoricamente.

Por não ser estática, ela rememora o poder, as glórias e os desafios de seus antepassados. A memória não é estática e congelada no tempo, e essas pessoas não só revivem as lembranças, mas se refazem, repensam e articulam as idéias do hoje.

Essas lembranças são reajustadas, recriadas, não é um mero “lembrar” de um passado intacto. Segundo Zumthor, “ela envolve

toda a existência, penetra o vivido e mantêm o presente na continuidade dos discursos humanos. É ao mesmo tempo profecia e memória” (ZUMTHOR, 1993, p. 140).

A voz do intérprete só tem sentido quando ela traz o testemunho da unidade, quando ela toca no que está latente na mente e no coração do povo. Seu discurso não é algo perdido no presente, vazio de significado; faz as releituras necessárias, sustentada nessa alma popular. As palavras se integram no discurso coletivo, clareando e exaltando o passado que fica cada vez mais vivo no presente, não permitindo que a unidade popular se fragmente:

(...) sua voz traz o testemunho indubitável da unidade comum. Sua memória descansa sobre uma espécie de “memória popular” que não se refere a uma coleção de lembranças folclóricas, mas que sem cessar, ajusta, transforma e recria. (...) A perfeita voz da memória – forme-se na garganta, na boca, no sopro de um poeta ou de um padre – tem como fim último, sem dúvida, evitar rupturas irremissíveis, o despedaçamento de uma unidade tão frágil (ZUMTHOR, 1993:142).

Essa memória não se perde facilmente ao longo da história porque ela não se apóia apenas na voz, mas em todo o corpo que se torna lugar de expressão e de percepção. As pessoas que a guardam adquirem os seus conhecimentos por meio de todos os sentidos, a visão, o ouvido, e de várias maneiras, também o tato, o olfato, é uma experiência sinestésica. A retórica do gesto que usa o olhar, o movimento, as pausas e os silêncios não está indissociável à da voz no momento da performance, essa linguagem do corpo faz a memória ser mais fecunda e duradoura.

3.3 A tradição como atualidade

“A gente vai falando pra passar
o tempo, ou para não deixar
que ele passe, é um modo de
pôr-lhe a mão no peito e dizer,
ou suplicar,
Não andes, não te movas, se
dás esse passo pisas-me, que
mal é que te fiz.
É também como baixar-me, pôr
a mão na terra e dizer-lhe,
Pára, não gires, ainda quero ver
o sol”
José Saramago

A tradição é o que permanece ao longo do tempo, por meio das gerações, nessa tentativa de segurar o tempo, a tentativa de ainda ver no hoje os costumes criados pelos antepassados. A memória estendida a tantas gerações, sobrevivendo ao longo do tempo, cedendo quando necessário, se revivificando com apropriações novas, alonga-se na história dando força às tradições.

Nessa esperança, o velho se lança sobre o novo para se preservar, enquanto este é construído sobre as bases antigas. Assim, as tradições são adaptadas e reinventadas como forma de não deixar as lembranças morrerem e caírem no buraco negro do esquecimento. Nenhuma frase, quando dita, será a primeira vez, mas é a partir dessas pronúncias que se constroem coisas novas, apoiadas nessa tradição para não ter o seu significado esvaziado.

As tradições, que são veiculadas por meio da voz, possuem uma energia particular, que vai construindo sobre o velho, o novo, adaptando e reinventando para não morrer. Para Zumthor (1993, p.147), é “dessa forma que as comunicações não são jamais cortadas: a corrente intervo- cal passa por toda a parte. Em todo o texto repercute o eco de vários outros textos do mesmo gênero”.

Essa característica dinâmica que a tradição oral possui, no que diz respeito a ela, não tem nada a ver com o que se costuma chamar de folclore. “Essa concepção antiquada de folclore como uma mera coleção de curiosidades” (GINZBURG, 1987, p. 16), não diz respeito à tradição viva da voz que se renova constantemente na praça, na festa, na rua, na boca do povo, onde é o seu lugar.

Essa concepção congela a cultura popular no tempo, esvaziando o seu caráter dinâmico, exclui sua característica diversa e corrosiva, que desliza e corrompe os caminhos através dos tempos. É assim que ela sobrevive, se diversificando, negando e afirmando, escondendo e revelando, mesclando os traços de diferentes culturas, “falando para não deixar o tempo passar” (SARAMAGO, 1996, p. 223), para não se perderem as heranças deixadas pelos pais e avós.

Essa característica móvel e dinâmica da tradição é que a faz cada vez mais viva e poderosa. Os poetas medievais já anunciavam quando começavam a recitar seus versos: “Quanto mais se escutarem meus versos, mais eles valerão; quanto mais o tempo passar, mais significativos eles se tornarão...” (ZUMTHOR, 1993, p. 53).

Ao longo da história, as tradições orais se fortalecem e se enriquecem na renovação incessante a que elas são submetidas. “A diversidade de todas essas gargantas, essas bocas que sucessivamente a assumem” (ZUMTHOR, 1993, p. 53) fazem dela cada vez mais viva e mais presente, fortalecida na cultura popular.

4. Escrita, arquivos eletrônicos e a memória revivificada

É justamente nessa relação de integração, nessa *dialogação*, nesse deslizar sob os obstáculos, ou mes-

mo nessa negociação, que as pessoas vão dinamizando as culturas. É o que Ginzburg chama de “circularidade da cultura” em Bakhtin, essa influência recíproca de uma classe sobre a outra, um diálogo sem dominantes nem dominados. Ou melhor: onde essas partes possam duelar simbolicamente na arena social, defender pontos de vistas, alimentarem-se dos mitos. Com uma variante: em pé de igualdade. Opressores e oprimidos, apenas.

Nesse amálgama contínuo e determinado é que se pode compreender melhor as dimensões e possibilidades contemporâneas da oralidade. Essa curiosa maneira de falar, mesmo quando se está em silêncio ou simplesmente lhe é negado, pela força ou outras artimanhas, o direito fundamental da palavra. Oportuno retornar ao moleiro de *O queijo e os Vermes*, para quem as “palavras são um protesto, são a recusa desse horror”. É preciso, neste caso, falar porque “nem toda confissão é uma vitória da tortura: porque às vezes a pior tortura é ter a voz silenciada” (RIBEIRO, op. cit. 210).

Essa histórica experiência com a opressão, com a negação, com o desejo de submissão com que as elites sempre olharam o mundo estimula também as veias da rebeldia, da fuga, da cultura em movimento. E do falar como única forma de continuar vivo, até à palavra como arma na reinvenção do mundo, no reencontro com os mitos, na subversão do bom falar e na construção de códigos próprios e avessos aos que não são seus iguais. A palavra está, como sempre, orvalhada de conteúdos que podem estar além da sua semântica, negando, negaceando ou confirmando tudo que seja oportuno fazê-lo. É disputa e festa, é deleite e armadilhas, é eternidade e presente.

Perguntei ao Povo:

- Não está achando que...?
E ele respondeu que sim.
Perguntei –lhe apenas:
- O que você acha?
E respondeu-me que não!
(CASALDÁLIGA, 1979, p. 45).

Mas como penetrá-la nessas dimensões todas? Por isto, seguramente, Bosi questiona, ao falar de consistências e fraturas na fala popular, os métodos de pesquisa, dentre outras, por duas razões: o desconhecimento e ausência de convívio com a esfera social e linguística que se deseja compreender. Como, talvez, diria ela, buscar conteúdos de consciência numa substância narrável de algo cuja essência pode estar no gesto, no olhar, na inflexão ou entonação de voz, “aspectos mais espontâneos que o código empregado?”. O que revela também esconde. Na arena social da fala, alerta também Bakhtin (1990), as batalhas ou as rendições podem ser invisíveis ou não facilmente detectáveis.

Mas os recursos expressivos dessa fala podem não se atualizar no abstrato, e sim, no concreto, no descritivo e numa concisão que se acompanha do gesto e do olhar. Num encolhimento do código que repousa na compreensão do outro. Compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes... Como pode o pesquisador desvendar as expressões desta substância narrativa, se ele se aproxima apenas periodicamente do grupo e revestido pelos signos de seu status social, signos bem visíveis para o sujeito que ele entrevista? (BOSI, 1979, p. 26).

4.1 Palavra, infovias e novos discursos planetários

Nenhuma hostilidade à escrita, diga-se. Pontua-se, como esforço de compreensão. Ela, como se sabe, desde o seu surgimento esteve ligada

à noção do prestígio social, funcionou por muito tempo, e ainda funciona, muitas vezes, como uma forma excludente de comunicação, como um código de dominação, como um instrumento de poder. Para Chartier, “o manejo da escrita é caracterizado como imposição de uma autoridade que, pela lei, ou pela magia, submete o fraco ao forte, bem como um sinal de recusa à igualdade comunitária.” (CHARTIER, 1991, p. 124).

Além disso, é verdade, sobreviveu por muito tempo com certa hostilidade. Chartier reforça a tese de que esse é um tema recorrente em várias obras de Shakespeare, que “mostram a valorização nostálgica e utópica de uma sociedade sem escrita governada por palavras que todos podem entender, por signos que todos podem compreender”. (CHARTIER, 1991, p. 124). Para outros ainda, “a escritura petrifica o que antes na oralidade tinha seu conservadorismo móvel e vivo” (GINZBURG, 2001, p. 72). Uma batalha que não começa hoje e está bem retratada por Bollème (1986), em *Le peuple par écrit* (O povo por escrito) e, de certo modo, por Garnot, num trabalho sobre o mesmo povo no século das luzes (1990).

O grande interesse de leitura, hoje e antes, não assegurou a essas camadas do povo o acesso à escrita e a suas tantas escrituras, especialmente a seus códigos. Matéria-prima de inúmeros escritos e autores, essa gente do povo continuou e continua, em boa parte, iletrada. Apesar de tanta teoria, tantos métodos e tanta tecnologia, não se chegou ainda a formas adequadas, aqui e acolá, de assegurar a universalização da escola e, muito menos, dos segredos que escondem os seus saberes como alertara antes o camponês de Trombas e Formoso, também esquecido na história e que agora tem suas terras tomadas pela hidrelétrica Cana

Brava, em Minaçu. Dois sufocos insuportáveis: não falar e não ser falado.

Gente que vive porque é teimosa, sussurram versos de Bandeira. E nessa teimosia se renova ou se reinventa, atualizando seus discursos sociais e alimentando a memória coletiva popular. E se a escrita e a imprensa – tidas como armas de combate e exclusão das elites – em algum momento impuseram humilhações públicas a imensas camadas, elas também estimularam a superação, os círculos do livro, nos quais as obras proibidas pela Igreja passavam de mão em mão e incluíam até mesmo os padres, as escolas populares. Não é por acaso que os anarquistas italianos no final do século XIX e início do século XX, ao lado da edição de jornais, se preocuparam em alfabetizar o trabalhador brasileiro no sindicato.

Assim, também as novas tecnologias e seus poderosos recursos de comunicação, registros e arquivos. De início, os apocalípticos anunciaram, como sempre, o fim do mundo. Os integrados, na incapacidade de explicar este mundo novo à gente simples do povo, como sempre. E, como sempre, coube a ela mesma encontrar caminhos de apropriação e uso dessas possibilidades todas. Momento em que essa gente do povo, ainda sem o domínio das letras, encontra seu ambiente de revanche: a descoberta que sua memória ou parte dela poderia sair do imaginário, onde está guardada em totalidade, e migrar para a segurança dos arquivos digitais sem a mediação da velha e cobiçada escrita.

E o leitor me dê licença
Pra mostrar minha ciência
Trovador de consciência
Rima onça e colibri.
(Zé DiLuca, 1979, p.6).

Alforriada a escrita, arrombadas as cercas do seu latifúndio. Um

fantástico mundo novo, que, embora contraditório e insuficiente, devolve à cena da política cultural as novas escritas e as falas de tantos sujeitos sociais. Ordenados, desordenados, anárquicos ou disciplinados invadem o novo espaço criado pela web, quando disponibilizada para uso civil. E são essas práticas populares que vão construir a extraordinária expansão da Internet, para Pierre Lévy. Numa perspectiva, segundo ele, comunitária e libertária (LÉVY, 1996, p.14). O ciberespaço surge como o grande espaço da revanche das culturas orais, realimentadas agora pela palavra que permeia também os seus conteúdos.

Dessa gente pobre e humilde, uma contribuição ampla e generosa. Às vezes, nos limites e nos vícios da ideologia neoliberal de plantão, repetindo ou afrontando esses velhos conceitos e suas envelhecidas práticas. O importante é que o sujeito social reocupa as praças, ruas e *trilheiros* desse esperançoso ciberespaço. Das favelas, das florestas, das culturas ancestrais e das Selvas Lacadona, os novos ensinamentos e as novas práticas. “(...) Não se possuindo grandes meios de comunicação de massas também se pode desafiar ao adversário neste terreno, de uma maneira nova, eficaz. Durante os últimos anos, muito se têm escrito e dito sobre a genial guerrilha semântica e semiótica conduzida pelo EZLN, ou sobre o *estilo* da insurgência zapatista” (MING, 2003). Talvez aí, a questão central.

E se um dia a classe pobre alcançar a gestão sobre seu destino, a sua cultura não deixará de englobar valores dos que trabalham, valores que se opõem aos dos que dominam. Valores como interesse verdadeiro pelo outro, a maneira direta de falar, o sentido do concreto e a largueza em relação ao futuro, uma confiante adesão à humanidade que vier,

tão diferente do projeto burguês para o amanhã, da redução do tempo ao contábil que exprime o domínio do econômico sobre todas as formas de pensamento (BOSI, op.cit., p. 30).

A palavra, armada de ternura e futuro. A oralidade se auto-reinventando nos anseios da humanidade, renovada.

Abstract

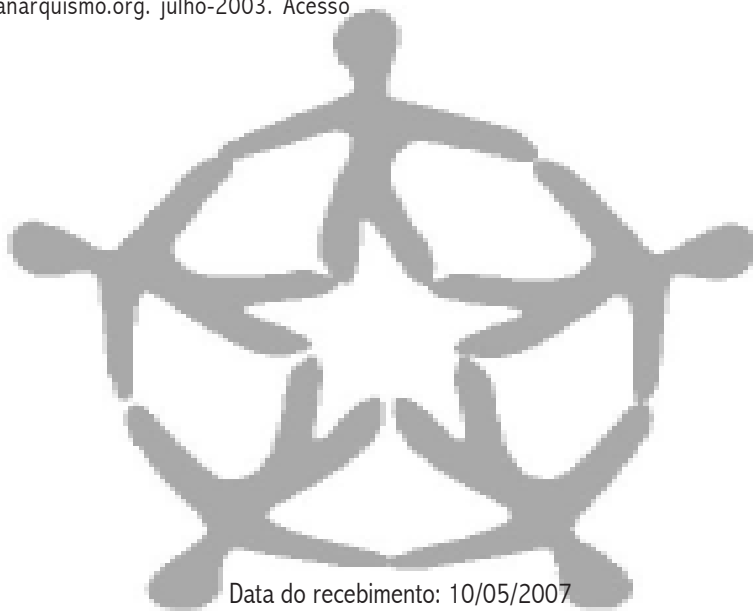
The main focus of this article is the oral movement, as a tool and as a communication sphere of popular layers. And preservation of their culture. An alternative and precious way when the subjects don't have access to the legitimate speech forms. Including the writing. The present text shouts the importance of the tripod: voice, memory and tradition, as bases of continuity and future. There is in the ample literature about the oral text, from biblical tradition to Saramago, from the Chinese poems of Che King to Suassuana, from Guimarães Rosa to improvisers, a mix of poets and journalists of popular quotidian, their contemporary source of inspiration. Voice and gest, rituals and myths, body and imaginary, all of that composing one narrative that doesn't end. And, clever, intrude, now, the pores of information channels and, again, find out their veins of the actuality and the constant overcoming.

Keywords: Oral movement, voice, memory, tradition, actuality.

Referência

- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec. 1990.
- BOLLÈME, Genèviève. Le peuple par écrit. Paris: Seuil. 1986.
- BOSI, Ecléia. “Problemas ligados à cultura das classes pobres”. In: A cultura do Povo. Coleção do Instituto de Estudos Especiais. São Paulo: Cortez & Moraes/EDUC. 1979.
- CASALDÁLIGA, Pedro. Cantigas Menores. Goiânia: Projornal. 1979.
- CHARTIER, Roger. “As práticas da escrita”. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo. Rio de Janeiro:

- Ed. Graal.1983.
- DERRIDA, J. "Violence et metaphisique". In: Revue Metaphysique et de Morale. t.69, p.348. 1969.
- ECO, Umberto. O nome da rosa: romance. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança – um encontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra. 1993.
- _____. Conscientização e Alfabetização: uma nova visão do processo. Rio de Janeiro: Edições Graal. 1983.
- GALEANO, Eduardo. Contra Senha. São Paulo: Ática. 1988
- GARNOT, Benoit. Le peuple au siècle des lumières. Échec d'un dressage culturel. Paris: Daniel Roche. 1990.
- GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes. São Paulo: Ed. Schwarcz.2004.
- _____. Olhos de Madeira. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.
- ILLICH, Ivan. Sociedade sem escolas. Petrópolis: Vozes. 1973.
- KOTSCHO, Ricardo. Uma Escola Chamada Vida. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- KRANTZ, F. "George Rudé e a outra História". In: KRANTZ, G. A Outra História – ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX. Rio de Janeiro: Zahar.1990.
- LEVY, Pierre. Ciberespaço. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- MARCONDES FILHO, Ciro. O Capital da notícia – jornalismo como produção social de segunda natureza. São Paulo: Ática. 1986.
- MING, Wu. "Zapatismo ou Barbárie". In: <http://anarquismo.org>. julho-2003. Acesso 29.03.2007.
- PESSOA, Jadir de Moraes. Saberes em Festa. Goiânia: Kelps, 2005.
- RAMONET, Ignácio. A tirania da comunicação. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ROSA, Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- SARAMAGO, José. Cadernos de Lanzarote. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.
- SCHIAVINI, Fernando. "E a natureza, onde fica?". In: U Kururu, ano II, nº 8,dez.1987, p. 2, Universidade Federal de Goiás.
- VILLAS BÔAS, Orlando. História e causos. São Paulo: FTD. 2005.
- ZÉ DILUCA. Peleja das Piaba do Araguaia com o Tubarão Besta Fera. Rio de Janeiro: CEDI,1981.
- ZUMTHOR, Paul. Introduction à la poésie orale. Paris: Seuil. 1983.
- _____. La poésie et la voix dans la civilization médiévale. Paris: PUF. 1984.
- _____. A letra e a Voz. São Paulo: Companhia das Letras. 1993.



Data do recebimento: 10/05/2007

Data do aceite: 15/06/2007